

25 Horas de Gravação

RUBEM BRAGA

QUEM sômente folheou e nunca leu «Playboy» pensa que se trata de uma revista de mulheres nuas, piadas para adultos e nada mais. Na verdade o grande negócio da casa é a visão daquelas jovens damas de seios exuberantes e atitudes provocadoras; mas a revista há muito é conhecida por uma excelente colaboração e pela grande entrevista que insere todo número com alguma personalidade de destaque internacional.

O número de janeiro traz uma entrevista feita com Fidel Castro pelo jornalista Lee Lockwood, que vai publicar um livro sôbre a atual situação de Cuba. Os dois conversaram diante de um gravador de fita um total de 25 horas, na grande maioria das quais Fidel fêz enormes explicações a uma pequena pergunta do jornalista. Na hora de arrumar as malas para ir passar o Carnaval fora, vou traduzir alguns trechos dessa entrevista; creio que com isso deixarei matéria para cobrir minha ausência.

A revista começa dizendo que Fidel pode ser o ditador mais odiado do Hemistério Ocidental, mas é o homem indispensável de seu país, um déspota onipresente que fornece energia para praticamente todas as fases da vida cubana contemporânea. Além de manter os postos de primeiro-ministro, secretário do Partido Comunista e comandante-chefe das Fôrças Armadas, êle chefia pessoalmente o programa agrícola de Cuba, gastando tanto tempo a estudar o uso de fertilizantes e a técnica da criação de gado como em ler textos marxista-leninistas. Trabalha 18 a 20 horas por dia.

«Playboy» admite que a revolução de Castro conseguiu realizar algumas reformas inegáveis, afetando a vida dos camponeses e operários. Acabou virtualmente com o analfabetismo (Cuba, com pouco mais de 7 milhões de habitantes, tinha cêrca de 1 milhão de adultos analfabetos), assegurou cuidados médicos e educação grátis para todos, reformou as leis referentes à terra e aos aluguéis, e proclama ter obtido um nível de vida mais alto para as massas. Ninguém tem fôrça para se opor a êle em Cuba; sua imagem domina o país. Para o bem ou para o mal, êle é a Cuba de hoje.

A seguir, o jornalista recorda a vida e as lutas de Fidel, e a evolução de suas idéias, e explica sua maneira de dar entrevista. Depois de ouvir uma pergunta, êle começa a responder em um tom de voz decepcionantemente distante, olhando a mesa, enquanto suas mãos mexem com um isqueiro, uma caneta ou qualquer outra coisa. À medida que vai falando e se esquentando com as próprias palavras, êle começa a se agitar em sua cadeira; enquanto o ritmo das palavras vai-se apressando, êle vai se aproximando do jornalista, puxando consigo a cadeira, até lhe dar um tapa no joelho ou bater com o dedo em seu peito para dar ênfase a uma frase; fixa os olhos nos olhos do repórter, a poucas polegadas de distância, continuando a falar com uma cadência hipnótica, a falar, a falar...

Quinta-feira, traduzirei algumas perguntas e respostas.

DN-5/2/67

DN-5.2.67